

6 MARÇO 1896

—PARANÁ—



FUNDADORES  
LEOCADIO CORREIA - LEITE JUNIOR - GABRIEL REBEIRO - JAMES SAIDAMBA

ANNO III

Redacção  
RUA 15 DE NOVEMBRO, 51  
PRIMEIRO ANDAR

Curitiba, 3 de Maio de 1900

REDACTORES:  
Leocadio Correia  
Leite Junior

Nr. 17

## Portico

(Do Luar de Inverno)

Versos, mendigos de mantos reaes,  
Ide, que vos esperam sete espadas;  
Fugi aos olhos d'ouros senhorias,  
Antes a prece aldean pelas estradas...

Ide arrastar o meu burel de monge;  
(Quanta saudade esse burel traduz...)  
Se encontrardes o Mundo, tem-n'o longe,  
Porque os seus braços são braços de cruz.

Direis a uns olhos — olhos onde a Sorte  
Poz meu Ser a rezar, como em altares —  
Que me vou de caminho para a Morte.

E à Morte... essa verá, na triste hosanna  
Do poente roxo que orla os meus olhares,  
Como anoitece uma existência humana.

Silviana Sette

21 DE ABRIL DE 1500

## Na Floresta

Vamos, antes que o sol faisque e abra-se,  
e a poeira inunde a relva dos caminhos.  
—Partimos. Lyce a me falar dos ninhos;  
eu a lhe ouvir a musica da phrase.

Tantas vezes na floresta!... quase  
perdemo-nos. E agora? Os passarinhos  
passam chilrando, aos pares. Nós, sosinhos,  
a enaltecer o casto amor — sem base.

Pela floresta sonhadora, viamos  
flores em nupcias, aves em descantes...  
E já nenhuma discussão!... Sorriamos!...

Voltamos tarde, alegres e offegantes.  
E na volta, duydo se teriamos  
ambos a mesma idéa de horas antes...

Domingos Nascimento.

## Herços á Armia



Ao vêr, ó minha ARMIA, que partias,  
Que de mim para longe te ausentavas,  
Quiz por despedida ir a teus braços  
Mas vacillante fiquei, fiquei confuso...  
Os membros tremulos de suor banhados!  
Com olhos fixos em ti... como se fosses  
Divindade do céu baixada á terra.  
Eu pude consagrar-te alto respeito  
A' par de adorações, á par do extremo  
E muito SANTO AMOR, que tu conheces;  
E parece, ó minha ARMIA, ser um sonho  
Que eu soffresse por AMOR, tanta amargura  
Quando a taça de mel me estava em frente!  
Eu mesmo, pois, não creio que pudesse  
Conter-me sem que fosse nos teus labios  
Transportado de amor levar um beijo  
N'aquell' hora de acerbo apartamento!...  
Mas me pude deter sem dar um passo,  
E immovel fiquei, qual uma estatua,  
Com olhos fixos em ti!... Não reparaste  
D'esta alma o mysterio no semblante?!...  
N'essa hora fatal que tu partias  
Eram, quizes farpões, os meus desejos  
A retalharem-me o peito que, indeciso,  
Menosprezando a lei de amor tão santo,  
Não soube comprehend' fortes impulsos  
Que diziam; alli, de ARMIA ao collo  
Vai por breve momento reclinar-te  
E refrigerio buscar, que ella se asusta!...  
Nessa hora, p'ra mim de taes enleios  
Eram, como punhaes os meus anhelos  
Vibrados pela mão do acerbo pejo  
Que roubou-me o prazer e lenitivo  
De gozar o que amor tem por victoria  
D'em teus labios deixar impresso um beijol..  
Apenas commovido, ao separar-nos,  
E ferido pelos echos da tristeza  
Tua dextra apertei, e electrizado,  
Entre a força da razão, que occult'a pena,  
Entre chammas de amor e vão receio,  
Eu pude articular, cem minhas dores,  
Um adeos tão sómente! E tu partiste,  
Ficando-me a saudade e o soffrimento!

Por Fernando Amaro de Miranda.

Morrêes, 31 de Julho de 1853.

(\*) Primeiros versos publicados no Paraná.

## Glorinha

Foram-se os dias succedendo ao dia  
Em que te foste desta vida incerta:  
E cada vez minha alma mais deserta,  
E mais longe de mim a aurea Alegria!

Entre nuvens te vejo... Ave, Maria!  
Sonho? Azas aos hombros... Bella e esperta!  
Mas quando desse sonho a alma desperta,  
Ai! que saudade! que melancolia!

Porque dias sem cunto se volvendo  
(E fingindo entre os homens venturoso,)  
Mais cresce a dor deste supplicio horrendo?

Filha! filha querida, por quem gemo!  
Voaste, como um anjo luminoso,  
E ao rastro do teu vôo a vida algemo!

Leocadio Correia

3 DE MAIO DE 1900

## Olhar de Santa

Esta, igual a um ferrete causticante,  
Rubra paixão em que me estorço e gemo,  
Só findará no tenebroso instante  
Em que me ouvires o suspiro extremo,

Bem sei que desço ao nivel humilhante  
Onde palmilha o bebedo blasphemo:  
Pois, mas que o delte, accusa o meu semblante  
De outras orgias o tangor supremo.

Mas não é natural que uma phalena  
Ao ver na luz pomposa, extranha scena,  
A propria morte nella vá buscar?

Eis o segredo; uma creança o explica:  
Mais que a minha razão, que um louco indica,  
Santa das santas! brilha o teu olhar!

Ricardo de Lemos.

## TRAÇOS

**Rocha Pombo.** A mais possante das organizações artísticas do Paraná, nasceu na tradicional cidade de Morretes, a 4 de Dezembro de 1857. A elle deve Morretes o seu primeiro órgão de imprensa, denominado "O Povo" e que alli appareceu no anno de 1879.

A sua obra já é bastante grande. Tem publicados diversos livros em prosa e verso: *A Honra do Barão* (romance em 1881); *Dada ou A Boa Filha* (romancete em 1882); *A Supremacia do Ideal* (1882); *Religião do Belo* (1883); *Guayra*, (poema, 1886); *Nova Creança* (1887); *Visões*, (contos e poesias em 1888); *Petrucello*, (romance em 1888); *Marietta*, (poemato em 1896); *Historia da America*, (ed. Laemmert em 1900); *O Paraná no IV Centenario do Brazil*, (ed. do Centro Paranaense, em 1900).

A publicar: *Stella*, poema em tercetos; *Novo Instituto*; *Burlões*; *Grandes Paginas da Historia da America e Jesus*.

Actualmente exerce o magisterio na Capital Federal, sendo professor de diversas materias na Escola Normal, Gymnasio Nacional e no Collegio Abílio.

A Rocha Pombo devemos a ideia da fundação de uma universidade no Paraná. Todos os esforços, porém, foram baldados, conseguindo unicamente o terreno para a edificação.

Silveira Netto, quando traçou a sua biographia fazendo justiça ao seu adiantado espirito, desta maneira se exprime:

"E o mais fecundo e mais erudito dos escriptores paranaenses e, como prosador, jornalista e orador occupa saliente lugar dentre os primeiros no Brazil."

**Domingos Nascimento.** —

"Poeta? Sim. Dos mais activos, oh! dos mais raros, diamantes, de primeira agua." Militar? Sim. Dos mais activos, dos mais distinctos na sua classe.

Estrou Domingos com suas *Revoadas*, delicadissimo livro de versos. Mais tarde publicou *Threnos e Arruados*, tambem outro magnifico livro de versos.

Em 1895 publicou um opusculo sob o titulo *O Sal*.

Tem a publicar diversos livros. E' filho da pittoresca villa da marinha — Guarakssaba.

Actualmente em Santa Catharina no regimento de artilharia alli estacionado, faz parte da redacção da "A Pagina," magnifico e suggestivo tempario da Arte, que vem de surgir na Capital d'aquelle Estado.

**Emilio de Menezes.** — Filho de

Curityba, ha muito que reside no coração do Brazil, onde tem desenvolvido toda a sua acruidade litteraria.

E' um poeta. Ao seu primeiro livro deo o nome de — *Marcha Funebre*

A publicar tem: *Hypogias*, *Poemas da Morte*.

Fez uma magistral traducção do assombroso *Corvo* de Edgar Fôe.

Na Capital Federal tem redigido diversos jornaes.

**Nestor Victor.** — Nasceu em Pa-

ranaguá. Muito moço ainda se foi para o Rio de Janeiro, depois de muito trabalhar no jornalismo de Curityba.

Lá, tem Nestor Victor trabalhado sempre! e para orgulho seu e do seu Estado natal, o seu nome, já vai muito alto!

*Signos*, foi o seu livro de estrên (1897). Com mão habilissima encerrou elle nesse livro 11 bellissimos contos. Publicou mais: *Crus e Sousa*, (monographia em 1899); *A Cruz e Sousa*, (versos, em 1900); e acaba ha poucos

dias de atirar á publicidade o seu primeiro romance — *Amigos* — que não conhecemos ainda, mas, pelo interesse com que muitos jornaes da grande capital vêm de fallar, é de prever a victoria que alcançará no mundo litterario do Brazil.

Nestor Victor, exerce o elevado cargo de Director do Gymnasio Nacional.

**Emiliano Pernetta.** — *Músicas*, eis o nome do seu primeiro livro (1888). Os seus versos são deliciosamente lapidados.

E' formado em Sciencias juridicas e sociais pela Academia de S. Paulo. Na propaganda republicana foi um dos mais fervorosos oradores. Militou por muito tempo na imprensa da Capital Federal, e actualmente trabalha ao lado de Azevedo Macedo na redacção do "O Commercio" nesta Capital. E' lente de Portuguez e Pedagogia na Escola Normal e no Gymnasio Paranaense. Em 1899 encetou a publicação de uma serie de contos, e nos deca, infelizmente, só o primeiro da serie — *O Inimigo*. Tem diversos livros promptos a publicar: *Biblicas*, (versos), *Ether*, (poema) e *Planas*, (versos).

"A Arte é a sua *Flor de Imortalidade*; é o seu ideal de Magnifico; e de seus avatares de Eleito a *Rosa Mystica*, a Essencia mystica, o Fluido, o Ether, e *Symbolo*."

**Leoncio Gorcia.** Nasceu em Paranaçu, a 1<sup>a</sup> de Setembro de 1865. Actualmente em Curityba, depois de representar o seu Estado natal no seio do Congresso Nacional, tem em suas mãos o elevado cargo de Inspector Geral da Instrucção Publica. Por vezes tem sido eleito deputado estadual. Em 1882, com 18 annos apenas de idade, publicava Leoncio as suas *Flores agrestes*, escripto mimoso das suas primeiras impressões de poeta. Em 1883, era representado o seu drama *Talento e Ouro*. Em 1887 publicou o seu 2<sup>o</sup> livro de versos — *Poltas*, que veio firmar a sua reputação como artista.

Fundou os jornaes *15 de Novembro* e *Diario do Commercio*; e hoje faz parte da redacção da "A Republica" e é redactor do apreciado jornal — *Diario da Tarde*. — A publicar: *As Litanias*, livro de versos; *Paraphras*, livro de contos; *Valla Commum*, versos; *Leonor*, drama; *Tiradentes*, poema nacional.

**Nestor de Castro.** — Não é poeta. Como *conteur*, occupa um dos primeiros lugares em o nosso meio litterario. «Forte temperamento artistico».

(\*) Em 1899, publicou o seu livro, *Bridões*, um primor d'Arte, em cujo seio encontra-se contos por si sós capazes de recomendar um nome.

Nasceu Nestor de Castro na cidade de Antonina.

**J. Moraes.** — Natural de Morretes. Aos 20 annos publicou um livro de versos — *As Semprevivas*, 1874.

"No humorismo, J. Moraes, não tem imitadores no Paraná, e o seu pseudonymo *Hyalito*, é hoje como o seu proprio nome: — uma recommendação».

Foi o organizador dos quatro primeiros annos do *Almanach Paranaense*, publicação que já faz honra ao nosso Estado.

Em conversa disse algumas: — pretendo reunir em livro sob o nome — *Curitybanas* — muita cousa que por ahí anda.

**Chichorro Junior.** — Filho de Antonina. Em 1886, publicou um livro de versos — *Vozes Livres*. Em 1889, atirou á publicidade um outro livro, — *O Deus Social*.

Hoje occupa o cargo de Administrador Geral dos Correios do Paraná.

(\*) Escreveu um drama — *A Gress*; e em 1898 foi representada a revista *Cóisas do Progresso*, que escreveu de collaboração com Jayma Ballo.

Como redactor que é do órgão diario — «Gazeta do Povo» — os seus artigos são lidos com interesse.

**Silveira Netto.** — Um artista. «Era pintor fez-se poeta». Em 1899 reuniu em folheto — *Pela Consciencia* — editorias de «Jerusalem», jornal mçonico, e do qual affida é um dos redactores.

Tem fundado diversas revistas de Arte. Como Rocha Pombo e J. Moraes é filho tambem de Morretes, o antigo emporio commercial do Estado.

Acaba de contractar no Rio de Janeiro a impressão do seu magnifico livro de versos — *Luar de Inverno*.

**Sebastião Parana.** — Filho da Capital do Estado, tem a carta de bacharel em Sciencias Sociais.

Desde muito moço que trabalha na imprensa. Em 1885 publicou um *Esboço Geographico das Provuicias*; em 1887, *A Honra do Pintor*; drama; em 1889, *Esboço Geographico da Evolução do Paraná*. No prelo tem a *Chorographia do Paraná*, obra de grande valor.

E' ha muito secretario da Junta Commercial do Estado, e pela pratica nesse lugar adquirida, dotou o nosso commercio com seu — *Guia do Commercio*.

Deve abandonar muito breve o lugar de secretario da Junta Commercial, para ir tomar posse de um outro, muito mais importante por certo, como seja e de lente do Gymnasio Paranaense e Escola Normal, alcançado depois de prolongados estudos, depois de um brilhante concurso feito perante uma commissão de lentes d'aquelle estabelecimento de instrucção.

A' sua competencia portanto, muito breve será confiada a cadeira de — Geographia e Chorographia do Brazil d'aquelle estabelecimento, onde primeiro foi comprovado o talento d'este nosso caro conterraneo.

E' socio honorario do *Instituto Geographico Argentino*.

**Ricardo de Lemos.** — Um forte. Publicou em 1898 as suas *Fantasmias*, versos humoristicos. Como J. Moraes cultivava com maestria este genero de litteratura, e vêm desmentir aquellas palavras escriptas algures, com referencia a quelle seu patrio que «no humorismo não tem imitadores no Paraná». Como o do outro o seu pseudonymo — *Garrone*, é hoje o seu proprio nome.

Trabalha actualmente n'um outro livro de versos humoristicos, cujo titulo tem conservado com muito cuidado, inédito.

**Lucio Pereira.** — Natural de Paranaçu. Em 1896, estreou com o seu livro — *Contos Paranaenses*.

O — Folhetim — eis o terreno litterario do nosso caro Lucio. Um corajoso, este patrio que tem vivido com a penna na mão, guarda livros habilissimo que é, e no entanto de um modo tambem habilissimo soube ultrapassar os limites do Deve e Haver...

**Julio Pernetta.** — Natural de Curityba. São innumerous os jornaes e revistas que tem fundado. Destacamos: *A Evolução* e *A Penna*.

Os seus livros? Desfiemos este rosario: *Bronses*, (contos em 1897); *Rasões porque...* *Amor Bucolico*, *A Patria*, *Chacões*.

**Romario Martins.** — Mais um natural desta futura Curityba. Ao lado de Julio Pernetta fundou *A Penna*, revista de arte, *A Evolução*, alem de muitos outros órgãos da imprensa.

O seu nomeahi anda preso em quantas revistas e jornaes tem apparecido nestes ultimos tempos, como tambem nas seguintes publicações, que são o atestado eloquente do seu talento: *Romas* (contos em 1898) que

merceu da critica as mais lisongeiras homenagens; *Vozes Intimas*, seo livro de estreia; *Noites e Alvoradas*; *O Socialismo*; *Combate do Cormorant*. *Historia do Paraná*, (1555-1853) publicada em 1899.

*Paraná Antigo e Moderno*, (esboço de um livro em 1900).

Redigiu com muita habilidade o excellente annuario — *Almanach do Paraná*— que já vai no seu 10.º anno.

**Joaquim Ballão.** — Tem varias publicações dentre as quaes se destaca — *Martyr*, (novel), em 1897. Em primeiro logar publicou um livrinho de versos — *Cecy* — (1896) — psalmo de seu coração do pae amantissimo em homenagem a memoria de sua "angelical Cecy".

Eis a pallida homenagem do "O Sapo", ao Paraná Litterario, tão brilhantemente representado nos bellos ornamentos que fulguram na sua pagina illustrada, por occasião de commemorar no 4.º Centenario do descobrimento do Brazil.



## SONETO

A minha Patria, no 4.º centenario do seu descobrimento!

Quite profunda e calma. A Natureza  
Tinha o aspecto santo de um altar  
Em festas. Nenhum fundo de tristeza  
Vinha esse tom bizarro annuiar.

Estranha sombra marcha com firmeza  
Per uma estrada ignota. A luz do Luar  
Dá-lhe um vislumbre excelso de nobreza!  
As estrellas, então, põem-se a cantar;

O Myste revestindo o manto azul  
Pelos regiões da America do Sul,  
Enxate Sôes no Céu vêm-se a luzir.

A sombra, ó minha Patria sacrosanta,  
E' minha alma que os vãos se elevanta  
Pra solemne a'cos pés genuflectir!

LEITE JUNIOR

Vooo

É a frota ao mando de Cabral;  
sulcando as aguas do Atlantico, ven-  
cendo as vagas revoltas do oceano,  
ancorava aquem d'um grande mon-  
te a que deram o nome de Pascoal.

Ao romper da aurora do dia se-  
guinte, quando o sol erguendo-se  
vagarosamente banhava de luz pal-  
lida e serena as pomposas e verde-  
jantes florestas, a flotilha em busca  
de Abrigo, abórdava as praias mag-  
gestosas de Porto-Seguro.

E os portuguezes fitando um  
bello céu de anil, faziam ligeira  
prece ao Omnipotente, pelo gran-  
dioso acontecimento.

Foi então na linda manhã de  
22 de Abril de 1500.

Redacção do "O Beijo"

## PATRIA

Dormias, ó Patria, na tua eter-  
na indolencia indigena, sob o sol  
causticante do Occidente, n'uma  
encosta silenciosa e virgem, serena  
e augusta como uma Deusa pagan...

Não te despertavam nem a ara-  
gem fresca e agreste que vinha te  
oscular piacidamente á hora do sol  
posto, nem os raios ruborizados das  
manhans que enloureciam as cabe-  
ças dos teus impinados montes...

Dormias profundamente, ó Pa-  
tria, quando eras tu quem devia es-  
tar velando ás portas rutilas da Ci-  
vilização!

E o teu leito verde, de palmas  
verdes, mais bello de flores e de  
olenia do que os jardins redolentes  
e formosos de Semyramis, dava-te  
a respeitabilidade de uma Babylo-  
nia maravilhosa abando eterna-  
mente para a abobada estrellada!

Os teus braços seculares, esten-  
didos sobre as densas florestas vir-  
gens do teu leito virgem de palmas  
verdes, unindo o sul ao nôrte, es-  
sas collossaes veias por onde corre o  
teu sangue azul doce—esse Amazo-  
nas soberano e esse Uruguay luzen-  
te—tinham, ó Patria, o encanto  
suave do Euphrates, em cujas ribas  
out'ora se ostentava orgulhosamente  
a soberba Ninive.

O Atlante, o Titan immortal que  
guarda no dorso insondavel a flor  
empallecida do Mystério, correndo  
e espumando como gamo tímido,  
já para as bandás perfumadas  
do sul, beijar-te a dextra morna;  
e voltando depois para o norte ar-  
dente, a tremer, a tremer, como um  
vitão, ia joelhar-se lá nos afeiaes do  
Solimões austero, cantando psalmos  
de amor ante a magestade da tua  
belleza infinita!

E no teu seio, ó Patria, uma nação  
selvagem fruia o calor da vida cal-  
ma, ouvindo, na sua inconsciencia  
de povo ignaro, a pulsação solemne  
d'um coração de ouro....

Havia uma serenidade religiosa  
nos vales enfloriscidos do Paiz so-  
berano que rebrilhava aos olhos da  
Omnipotencia...

Os Tupis heroicos, os Guarany  
guerreiros, os Caiapós valentes, gar-  
ganhavam felizes, sob o céu cons-  
tellido da Patria inculca...

Nassuas tabas estendiam, talvez,  
a alegria triumphal dessa solemni-  
dade estranha, onde, ligados pela  
*mussurana*, as suas victimas dei-

xavam rolar suas cabeças decepada  
pelo tagapé do inimigo irreconcilia-  
vel e perverso.

Dançavam tresloucadamente, tal-  
vez, ao som do *uapy*, do *memby*,  
do *loré* e do *uatapy*, tendo atados  
aos artelhos, guizos de cascaveis, e  
monotonamente, n'uma musica tris-  
te e compassada....

Os *morubiyabas* consultavam  
suas cabildas depois de essa solemni-  
dade selvagem, e os *pajé* previam  
phenomenos extraordinarios, mas,  
essas superstições vagas, apesar de  
influenciarem sobre a sua ingenui-  
dade timorata, tornavam aquelles  
vales enfloriscidos, serenos como a  
sua alma de incoscientes....

Ahi vem, fendendo o Atlante, ve-  
las pandas, alvas, mais alvas do que  
um nevoeiro de prata, ahi vem essa  
corveta austera trazendo em seu  
bojo a luz suggestiva da Civilização!

Curva-te, ó Patria, e beija respei-  
tosamente a Cruz de ouro do peito  
de Cabral!

Curva-te em reverencia e deixa  
que a Civilização te suspenda, te er-  
ga nesse Throno augusto que a  
Providencia legou-te!

Salve! Aurora de ha 4 seculos!

Salve! Alvorada de 3 de Maio!

Redacção do "Oito de Dezembro".



## Marcha Funebre

Caixaste sobre mim teu olhar funereo,  
N'uma resignação piedosa de hora extrema,  
E as palpebras cahindo em alvas os sudario  
Vofuram-me de todo a luz clara e suprema.

E tacteante no mundo hostil, no mundo vario,  
Sem outro gula, sem outra alma que o meo poema  
Ilumine e engrande e o faça extraordinario,  
—Um poema em que minha alma artista ria no genas—

Vou para além ouvindo uma muzica nova  
Feita de pás de terra a te cahir no peito  
Como que para por o meo amor á prova.

Essa muzica ouvindo, estranha em seo effeito,  
Sinto a luz a morrer a cantarem-lhe á cova  
Um funereo e feral requiem de lares feito.

Emilio de Moraes.

# PARANÁ

AS LETRAS FAZEM A GLÓRIA DE UM PAÍS



NESTOR VICTOR



Calixto Junior



ROMÁRIO MARTINS



LUCIO PEREIRA



SEBASTIÃO PARANAÍBA



EMILIANO PERNEIRA



PARANAENSES

# TERARIO

NO MENOS RESPEITAVEMOS SOBRE A PATRIA QUE É O SEU BERÇO.



E. MIMO DE MENEZES



DOMINGOS NASCIMENTO



ROCHA POMBO



J. MORAES



NESTOR DE CASTRO



LEONCIO CORREIA



J. VENTURA



J. VENTURA



21 DE ABRIL

DE 1500

## Apparição

Relampagos immensos clareavam phantasticamente o fundo trevoso do horisonte ameaçador.

No manto triste do céu em trevas nem uma estrella solitariamente resplandecia.

Do mar grosso uma aragem fria e cortante soprava congelando aquelle povo abandonado.

Miserrimos viajores, não tinham mais no coração a rutilar a guiadora estrella d'alva da esperanza.

E até o bramar do oceano endoudecido, tinha aos ouvidos dos peregrinos perdidos no pélagio infinito, as notas plangentes de uma orchestra augural e funeraria, soluçando requiems dolorosos.

Amanhecera enfim! O Oriente tingio-se de púrpura e ouro e a madrugada em gala surgiu alagando o céu deserto. Um *frisson* percorreu toda— companhia.

— Terra! murmurou o gageiro com assombro.

— Terra! bradou n'um delirio toda maruja.

Mas subito uma duvida oscillou n'aquellas almas:

Sonhariam? Seria um sonho de ouro descido das nuvens do arrebol?...

Não! Viam deslumbrados muito ao longe a folhagem verde pendendo docemente.

E a esperanza floresceo n'aquellas almas, como a alvorada florescia no céu!

Uma alleluia de alegria rompeo d'aquelles corações.

\*\*\*

Ondas brancas e verdes, beijavam languidamente a praia que anemomas cor de rosas pallidas osculavam.

Lírios brancos pendiam entrelaçados com alvas rosas agrestes, debruçados para o mar, espiando pasmadamente, n'um assombro mudo, aquelle povo que surgia n'uma estranha apparição, do seio mysterioso do oceano.

Nas selvas, o *boré* repercutia vibrante e marcial. Nos serros virginaes e engrinaldados, a jandaya cantava dolentemente no ramo balouçante da carnaúba.

O céu tinha reflexos incomparáveis, como nunca olhos christãos haviam fitado.

Era a terra brazileira que como uma deusa pagan, surgia bella e virginal, para receber o baptismo do Progresso.

Salve terra de Santa Cruz!

Salve! Que o teu seio carinhoso e digno, seja sempre como o foi para Cabral, o porto de bonança e salvação, para os viajores perdidos no mar tormentoso e encapellado da existencia.

Salve!

Pela Redacção do «Azul»

SANTA RITTA JUNIOR  
THIAGO PEIXOTO  
ADOLPHO WERNECK  
BENEDICTO N. DOS SANTOS.



## Quarto Centenario do Brazil

SALVE!... SALVE!...

Essa data luminosa que encaideia tantos factos historicos que enaltecem e glorificão os brasileiros, não é senão a era do nascimento de um povo—ponto de partida para o desenvolvimento moral, intellectual e material e o momento de um outro. E estes dois povos, bem conhecidos, é esse que se gloria de ter o nome de portuguez, e aquelle que se orgulha de chamar-se bra-

## Jornaes

### Revistas publicadas no Paraná (1854-1900)

#### CURITYBA

1- O Dezenove de Dezembro	1, 4, 1854
2- O Jasmim	20, 9, 1857
3- Correio Official	19, 2, 1861
4- O Mascarado	30, 9, "
5- O Clarim	"
6- Escola Gato	7, 6, 1866
7- O Paraná	1869
8- Iris Paranaense	19, 10, 1873
9- O Constitucional	1874
10- 25 de Março	25, 3, 1876
11- Provincia do Paraná	"
12- Revista da Associação Paranaense	"
13- A Gazeta Paranaense	"
14- O Paranaense	9, 12, 1877
15- O Diabo Azul	2, 6, 1878
16- O Gaúcho	18, 10, "
17- A Infancia	"
18- O Reverbero	1, 11, 1879
19- Estado do Paraná	"
20- Revista Paranaense	15, 1, 1881
21- Der Pionier	12, 6, "
22- O Liberal	1, 9, "
23- A Reforma	10, 9, "
24- A Verdade	"
25- A Evolução	"
26- O Porvir	14, 6, 1882
27- Deutsches Wochenblatt	23, 12, "

28- O Passaro Azul	"
29- O Artista	3, 1883
30- O Imparcial	"
31- O Dinuculo	10, 6, "
32- A Mocidade	13, 6, "
33- Jornal do Commercio	8, 7, "
34- O Patriota	9, "
35- O Realismo	5, 12, "
36- O Vagalume	"
37- Curitiba	"
38- O Vigilante	"
39- Cruz Machado	1984
40- Gazeta de Curitiba	5, 1885
41- Folha do Paraná	10, 6, "
42- O Movimento	"
43- A Republica	15, 3, 1886
44- Echo Paranaense	21, 10, "
45- Der Erzschler	"
46- A Farpá	21, 4, 1887
47- Deutsche Volkszeitung	14, 7, "
48- Vida Literaria	20, 7, "
49- A Opinião	5, 8, "
50- Revista do Paraná	23, 10, "
51- Diario Popular	3, 11, "
52- Deutsche Blätter	"
53- A Lucta	"
54- A Arte	4, 3, 1888
55- Sete de Março	24, 4, "
56- O Trovão	10, 5, "
57- Brazil Livre	8, 7, "
58- A Ideia	1, 10, "
59- A Galleria Illustrada	20, 11, "
60- O Paraná	"
61- O Diabinho	"
62- O Santeimo	"
63- Der Beobachter	1, 1, 1889

64- Dynamite	3, 3, 1889
65- O Guaycurú (allemao illustrado)	3, "
66- Sete de Maio	7, 5, "
67- A Tribuna	13, 7, "
68- O Progresso	14, 8, "
69- Quinze de Novembro	24, 11, "
70- O Cruzeiro	29, 12, "
71- A Mocinha	"
72- A Luz (orgão spirita)	15, 1, 1890
73- Club Curitybano	16, 1, "
74- A Vida Escolar	10, 3, "
75- Diário do Paraná	21, 4, "
76- Revista Espirita	25, 10, "
77- Unterhallengsblatt	"
78- Diário do Commercio	1, 1, 1891
79- O Guarany (illustrado)	21, 1, "
80- Operario Livre	13, 2, "
81- O Povo	10, 3, "
82- Correio Official	7, 6, "
83- Carneval Zeitung	"
84- Deutsche Post	16, 1, 1892
85- A Federação	6, 2, "
86- O Democrata	19, 4, "
87- O Domingo	22, 5, "
88- L'Italia	25, 6, "
89- A Voz do Povo	28, 8, "
90- O Futuro	4, 9, "
91- XX de Setembro	20, 9, "
92- O Artista	3, 10, "
93- Gazeta Polska w Brazylie	15, 10, "
94- Correio de Debates	23, 10, "
95- A Semana	1, 1, 1893
96- Folha Nova	15, 1, "
97- Die Mosquite	12, 2, "
98- Carneval Anzeiger Thalia	12, 2, "

sileiro. Entre elles há uma afinidade reciproca de sentimentos que os liga para sempre.

Logo, qual é o brasileiro, o portuguez que, conhecendo a sua historia patria, no dia de hoje, não se sintia grande, mas immensamente grande, elevar-se na culminancia da gloria! Ah! nenhum, por certo! Todos, nesse dia, experimentão um mutuo sentimento extraordinario palpar-lhe fortemente n'alma, sublimando-os.

Cada mez, cada anno que passão são outros tantos marcos assignalando novos feitos; sempre que passamos por um d'elles remontamos ao passado como que voltendo momentaneamente para contemplar o caminho percorrido; e o nosso espirito insaciavel celere vòu atravez o tempo até a sua genesi, para vir então compulsando esses innumerados factos naturalmente co-ordenados na sua evolução.

Assim pois, deixamos de analysar a isto é—de evidenciar o desenvolvimento complexo da Patria, para tão somente fazer uma breve e simples synthese:

No Seculo decimo quinto, quando Portugal necessitava de alargar os seus dominios, surgiu, um homem de concepções luminosas, que veio realisar este intuito que tanto a sua Patria desejava; e que, mais tarde, vil-o-ia sublimar-a perante

as nações civilisadas. E este homem intelligente como instruido o infante D. Henrique, filho de D. João, o grande: Elle,—incansavel que era, para o bem de sua Patria, fundou uma escola naval em Sagres, junto ao cabo de S. Vicente; e essa ideia sublime deu a Portugal o Imperio dos mares. Mais tarde El-Rei D. Manoel tratou de assegurar o commercio das Indias; e, d'essa missão, incumbio Pedro Alvares Cabral, então Governador da Provincia da Beira e Senhor de Belmonte. Mas, segundo instrução recebida— de afastar a sua esquadra da costa d'Africa para evitar as calmarias, foi impellida pelas correntes oceanicas para o occidente, de modo que, no dia 3 de Maio, segundo a reforma gregoriana, um grito unisono irrompe de seus peitos, annunciando—terra.—Era a Patria que surgia d'aquellas plagas occidentaes,—simples, rustica, envolta no seu manto de esmeralda; e, com sorriso de doçura e bondade, recebendo-os em seu lar como irmãos.

Eis como, em 1500, os argonautas lusitanos descobriram-na. E d'esse povo valoroso, intelligente e forte, nasceu um outro povo, uma outra raça que, educada na escola da mais pura civilisação, aprendeu a ser livre, altiva e grande: tornou-se independente e libertou-se do jugo da escravidão material e

moral. Disse o grande Victor Hugo: «Há de chegar o dia em que o Brazil nem será Imperio, nem Republica e sim Humanidade». Depois d'este luminoso pensamento que temos mais a dizer sobre o Brazil moral?

Nada, por certo!  
Resta-nos apenas fallar sob o ponto de vista material.

Bem sabemos que este desenvolvimento é feito na razão inversa d'aquelle; todavia, temos energia bastante de patriotismo para repellir esses retrogrados que têm ainda o instincto deshumano dos povos primitivos—de ferir, matar, escravisar, sacrificar ás familias, valendo-se cobardemente de sua força physica. Mas, assim, como disse Monroe: —«A America é dos americanos,» digamos, nós, tambem, particularizando—o Brazil é dos brasileiros.

O nosso porvir é, cheio de gloria, luminoso, grande e nobre; não o prophetisamos, sentimol-o, vemol-o.

Como esses velhos povos puritanos que já tocaram no ultimo ponto d'essa trajectoria luminosa—a civilisação; isto é, já tiveram o seu momento, assim seguís, querida Patria, impavida e firme, descrevendo-a para tel-o tambem, esse doce momento que é a gloria d'um povo, porque obedeceis a lei eterna da evolução que rege o universo.

REDACÇÃO DO «BEIJA-FLOR».

99. Illustriertes Unterhaltungsblatt	1893
130. Paraná Livre	14, 5, »
101 Il Corriere d'Italia	8, 7, »
102 Revista Azul	8, »
103 Il Lavoratore	1, 10, 1894
104 Recreio Familiar	24, 1, »
105 Correio do Paraná	1, 8, »
106 A Fé Espirita.	15, 9, »
107 O Estado do Paraná.	29, 9, »
108 Cidade de Curitiba	1, 2, 1895
109 A Patria	2, 3, »
110 O Cenaculo (revista)	4, »
111 Treze de Maio.	13, 5, »
112 Correio Municipal	29, 6, »
113 Polonia	13, 7, »
114 O Merito	4, 9, »
115 A Tribuna.	7, 9, »
116 Deutsche Zeitung.	1, 10, »
117 Sete de Maio	7, 5, »
118 Quinze de Novembro.	16, 11, »
119 O Meio	24, 11, »
120 Die Hummel	»
121 Paraná Illustrado.	»
122 A Reclame.	»
123 Der Frauen Lieblich	1896
124 O Dia	9, 4, »
125 Primeiro de Maio.	1, 5, »
126 Gazeta Postal.	16, 8, »
127 A Evolução	1, 7, »
128 Diario do Paraná.	1, 11, 1896
129 Gazeta do Povo	1, 11, »
130 A Lucta	1, 1, 1897
131 A Tarde	15, 2, »
132 A Penna (revista).	4, 4, »
133 A Capital.	13, 5, »

134 A Ordem	7, 7, 1897
135 Brasilianische Bienenpflege	1, 9, »
136 O Nihilista.	»
137 O Puritano.	»
138 O Electrico	»
139 O Pelicano (rev. maç.)	1, 10, »
140 O Crisol	24, 10, »
141 O Bilontra	31, 10, »
142 A Galaxia (revista)	24, 11, »
143 Kurjer Paranski	27, 11, »
144 O Municipio	4, 12, »
145 A Gaita	1, 1, 1898
146 Zás Tras	2, »
147 Dyablik Paranski.	»
148 O Sapo (revista)	6, 3, »
149 A Estrella.	3, 4, »
150 O Páo.	20, 4, »
151 O Pharol	25, 4, »
152 Jornal do Commercio	14, 5, »
153 A Colmeia (revista)	7, »
154 Poraneck	30, 7, »
155 Jerusalem (rev. maç.)	1, 9, »
156 Pallium (revista)	15, 9, »
157 Borsenhalle	23, 12, »
158 A Bomba	»
159 O Ideal	»
160 A Impressora	1, 1, 1899
161 Diario da Tarde.	18, 3, »
162 Oito de Dezembro.	8, 4, »
163 O Sarcillo.	1, 5, »
164 Il Diritto (anarchista).	7, 3, »
165 Esphinge (revista).	20, 7, »
166 O Beijo	24, 12, »
167 O Operario	1, 1, 1900
168 O Relampago.	25, 2, »
169 O Zé Bumba	25, 2, »

170 A Doutrina (espirita).	1, 3, 1900
171 Azul (revista).	4, 3, »
172 O Commercio	12, 3, »
173 O Beija-Flor	1, 4, »
174 Prawda (polaco)	1, 4, »
175 Boletim Ecclesiastico	3, »
176 O Gyra	»
177 O Mundo.	»
178 O Trabalho	»
179 Revista Litteraria.	»

PARANAGUA'	
1 O Paraná	1860
2 Commercio do Paraná	1, 1, 1862
3 O Povo.	18, 8, 1864
4 Imprensa Livre.	6, 1867
5 A Phenix	»
6 O Conservador.	1870
7 Opinião da Liberdade	»
8 Echo da Liberdade.	1874
9 Gazeta do Paraná	1875
10 Echo do Paraná.	27, 4, 1879
11 Echo da Marinha	15, 4, 1880
12 Correio do Paraná	8, 1881
13 O Futuro	3, 10, »
14 Club do Commercio	»
15 O Pharol	1882
16 O Liberê	»
17 A Violeta	10, 2, »
18 O Guttemberg	»
19 Livre Paraná	7, 7, 1883
20 O Painel	»
21 O Progresso	»
22 O Commercial	23, 7, 1886
23 Sinhá	1887

## RISO MORTO

Nesse teu sorrir singularmente phytico, em que uma lancinação de profunda angustia melancolisa os brancos detalhes esculpturais da tua delicada carnção anemica, eu sinto a paralyzação dos grandes labios frios das estatuas, como se viesses, ó Flôr do Infortunio, no inverno brutalmente assassino da Morte!

E's uma flor polar, ó desventurada Magnolia das tristezas!...

Risos de pedra apenas transparecem na morbida conformação estreita dos teus labios, como se fosse tirada de raros blócos finos de granito por mysterioso camartello grego...

Vás ao sol, e sob os adustos raios do sol és sempre o mesmo gelo... Vives sob o nitido ceu jucundissimo dos tropicos, e mesmo assim és eternamente fria, como as avalanches que se decompõe do alvinente leito triste do Oceano Artico...

Irás logo para o tumulto, e zombarás então, debaixo do cavo ramalhar psalmodioso das casuarinas verdes, com a larga ironia atroz dos marmores de Phidias, desse sol que nunca te aqueceu e desse ceu sob cuja cupula viveste fatalmente hirta, no longo inverno nebuloso do Infortunio!...

Oh! vae, desventurada Magnolia das tristezas, e leva contigo o teu

branco sorriso morto, porque elle póde ficar errante, como avastésma da Dôr, na grande noite tormentosa de minha alma...

*Feitor de Cashe.*

## A Visita

Como nos face a face, incendidos, magoados, como os eclipses o sol são seus olhos funereos. Ella tem mãos de lobo. E os dous globos parados Ficam no meu olhar, melancolicos, sérios.

Cabeça ao alto, entanto, aros transfigurados, Em silencio feral, deusa dos cemiterios, Olho-te. Mas vêde: audazes, rebellados, Andam no meu semblante uns sorrisos aéreos...

Enfim...enfim se esvai! Finalmente desfeito Vejo o negro phantasma. O coração eu sinto, Ora, qual pedra bruta, estacado no peito

Tenho, e ora percebo, eriçado o cabelo, Covas fundas nas faces, o sobre quasi extinto E o corpo na algeidez de uma estatua de gelo.

*Feitor Victor*

## Fragmentos

A creença é o symptoma característico da grande vida moral, de tudo quanto a alma humana começa a conquistar no Tempo de excellente inamissível no seo indefinido evoluir. O anthropoide não creio: Victor Hugo adorou. Se no momento em que da contingencia temporal aspira o eterno, em que na treva um largo esbatimento de luz a impressiona, é que a alma começa a crer.

Estude-se a sociedade moderna, as incontinencias, os transviamentos moraes, tudo isso que caracteriza a vasta e profunda crise deste fim de seculo, e se constatará que a incredulidade, apagando da alma humana a noção suprema de destino final da creatura, quasi chegou a eliminar a conscienciá, o grande principio conservador do equilibrio e harmonia na vida das nações: e que, portanto, é a incredulidade o mal mais funesto a destruir no presente.

E, estudando os grandes homens, aquelles todos que no mundo edificaram alguma cousa perduravel e grande, comprehendemos então como toda a força d'elles lhes provinha da sua fé.

Mas bem me entendeis que vos fallo da grande Fé, da Fé que não tem seita, que não tem inimigos a combater, e que, livre e excelsa, fica sempre pairando acima das contingencias e das vicissitudes dos homens.

Fallo-vos da Creença que não vive de ostentações e convencionalidades banaes; que não mora nos templos, mas de preferencia, como disse o poeta extraordinario do *Paradiso*, nos corações dos bons, dos humildes e resignados.

*Recha Pombo.*

24 Aurora . . . . .	18, 4, 1888
25 Treze de Maio . . . . .	15, 6, "
26 A Luz . . . . .	12, "
27 A Verve . . . . .	"
28 O Trabalho . . . . .	"
29 O Bilontra . . . . .	1, 2, 1889
30 A Ordem . . . . .	13, 6, "
31 Patria Livre . . . . .	18, 12, "
32 A Razão . . . . .	"
33 O Vigilante . . . . .	"
34 A Trombeta . . . . .	"
35 A Escova . . . . .	"
36 O Seculo . . . . .	27, 3, 1890
37 Gazeta do Commercio . . . . .	4, 1, 1891
38 Leitura Popular . . . . .	20, 9, "
39 Voz da Escola . . . . .	22, 9, "
40 O Abaço . . . . .	17, 1, 1892
41 O Pharol . . . . .	3, 7, "
42 O Tempo . . . . .	10, 7, "
43 A Sentinella . . . . .	1, 11, "
44 O Commercio . . . . .	1, 1, 1893
45 A Crystalida . . . . .	15, 3, "
46 A Primavera . . . . .	"
47 A Fé Espirita . . . . .	15, 9, 1894
48 A Nação . . . . .	15, 9, 1897
49 A Ferula . . . . .	18, 9, "
50 Paranaguá . . . . .	14, 7, "
51 O Constitucional . . . . .	"
52 O Bouquet . . . . .	"
53 O Athleta . . . . .	23, 3, 1900
54 O Barbeiro . . . . .	"

### ANTONINA

1 O Antonina . . . . .	1873
2 A Locomotiva . . . . .	1874
3 Gazeta Antoninense . . . . .	1884

4 O Labor . . . . .	1, 5, 1887
5 O Cysne . . . . .	12, 11, 1898
6 O Itapema . . . . .	1, 1, 1899
7 O Capelista . . . . .	25, 2, 1900

### MORRETES

1 O Povo . . . . .	1879
2 O Nhumdiaguara . . . . .	28, 4, 1889
3 O Trabalho . . . . .	"
4 Escolar . . . . .	"

### GUARARSSABA

1 O Paraná . . . . .	20, 2, 1900
PONTA GROSSA	
1 Campos Geraes . . . . .	13, 5, 1893
2 O Pirolita . . . . .	2, "
3 Gazeta dos Campos . . . . .	25, 12, 1897
4 Club Pontagrossense . . . . .	28, 10, 1898
5 Futuro do Paraná . . . . .	9, 4, 1899

### CASTRO

1 Echo dos Campos . . . . .	17, 3, 1883
2 Correio dos Campos . . . . .	3, 4, 1887
3 O Yapó . . . . .	30, 10, "
4 A Campanha . . . . .	28, 7, 1895
5 O Pharol . . . . .	25, 9, "
6 A Aurora do Evangelho . . . . .	25, 12, 1898
7 A Evolução . . . . .	21, 4, 1899
8 A Caridade (espirita) . . . . .	15, 8, "
9 O Brinquedo . . . . .	10, "
10 O Pánel . . . . .	12, "

### LAPA

1 Despertador Lapenna . . . . .	1, 6, 1880
2 A Lapa . . . . .	17, 9, 1887
3 Echo da Lapa . . . . .	3, 2, 1895

4 O Preconico . . . . .	19, 3, 1895
5 Cidade da Lapa . . . . .	7, 9, "
6 A Folha Nova . . . . .	15, 11, 1898
7 A Thesoura . . . . .	"

### PALMEIRA

1 A Comarca . . . . .	22, 2, 1896
2 Parochia da Palmeira . . . . .	11, 5, 1899

### GUARAPUAVA

1 O Guayra . . . . .	4, 4, 1893
2 Club Treze de Maio . . . . .	13, 5, "
3 Jornal das Creanças . . . . .	28, 11, "
4 Paraná . . . . .	10, 6, 1894
5 A Alvorada . . . . .	14, 7, 1896

### CAMPO LARGO

1 O Escolar . . . . .	11, 1885
2 O Guayra . . . . .	23, 1, 1887

### S. JOSE' DOS PINHAES

1 O Mequetrefe . . . . .	1880
--------------------------	------

### RIO NEGRO

1 O Rio Negrense . . . . .	6, 11, 1898
----------------------------	-------------

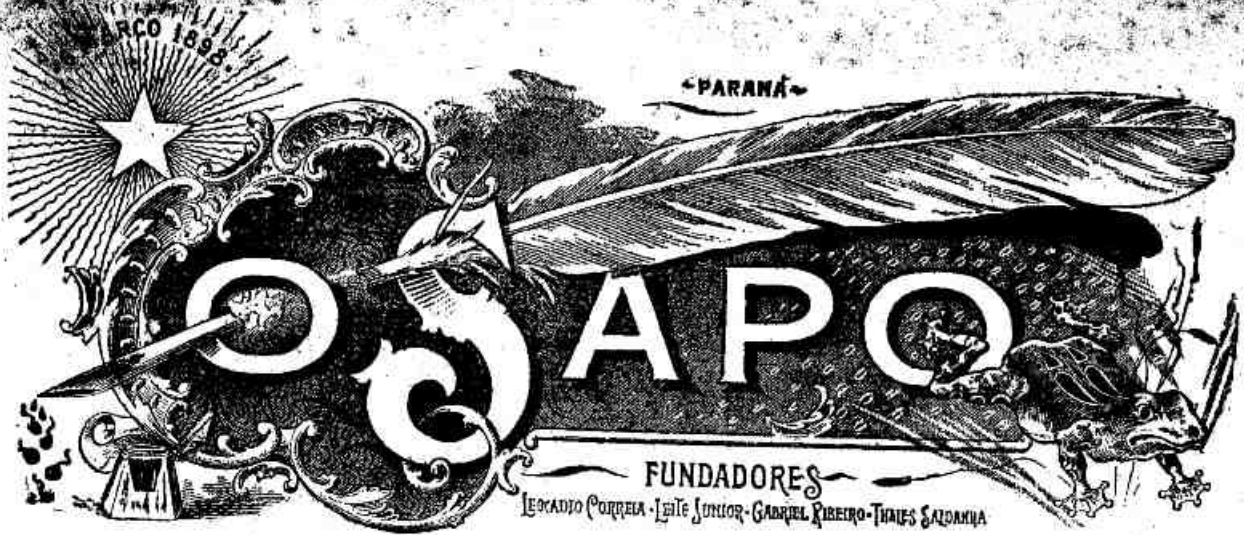
### PALMAS

1 O Palmense . . . . .	"
------------------------	---

### XAPECO'

1 O Xanxerê . . . . .	7, 2, 1892
-----------------------	------------





ANNO III	Redacção RUA 15 DE NOVEMBRO, 51 PARANÁ - BRAZIL	Curitiba, 3 de Maio de 1900	REDACTORES: Leocadio Correia Leite Junior	Nr. 17
----------	---	-----------------------------	---	--------

## Portico

(Do Luar de Inverno)

Versos, mendigos de mantos reaes,  
Ide, que vos esperam sete espadas;  
Fugi aos olhos d'eiros senhorinas,  
Antes a prece aldean pelas estradas...

Ide arrastaro meu burel do monge;  
(Quanta saudade esse burel traduz...)  
Se encontrardes o Mundo, tem-n'o longe,  
Porque os seus braços são braços de cruz.

Direis a uns olhos—olhos onde a Sorte  
Poz meu Ser a rezar, como em altares—  
Que me vou de caminho para a Morte.

E a Morte... essa verá, na triste hosanna  
Do poente roxo que orla os meus olhares,  
Como anoitece uma existencia humana.

Silveira Sobbe

21 DE ABRIL DE 1500

## Na Floresta

Vamos, antes que o sol faisque e abra-se,  
e a pocira inunde a relva dos caminhos.  
—Partimos. Lyce a me falar dos ninhos;  
eu a lhe ouvir a musica da phrase.

Tantas vezes na floresta!... quase  
perdemo-nos. E agora? Os passarinhos  
passam chilrando, aos pares. Nós, sosinhos,  
a enaltecer o casto amor—sem base.

Pela floresta sonhadora, viamos  
flores em nupcias, aves em descantes...  
E já nenhuma discussão!... —Sorríamos!...

Voltamos tarde, alogres e offegantes.  
E na volta, duvido se teriamos  
ambos a mesma idéa de horas antes...

Lemings Nascimento.

## Perços á Armia



Ao vêr, ó minha ARMIA, que partias,  
Que de mim para longe te ausentavas,  
Quiz por despedida ir a teus braços  
Mas vacillante fiquei, fiquei confuso...  
Os membros tremulos de suor banhados!  
Com olhos fixos em ti... como se fosses  
Divindade do céo baixada á terra,  
Eu pude consagrar-te fôo respeito  
A' par de adorações, á par do extremo  
E muito SANTO AMOR, que tu conheces;  
E parece, ó minha ARMIA, ser um sonho  
Que eu soffresse por AMOR, tanta amargura  
Quando a taça de mel me estava em frente!  
Eu mesmo, pois, não creio que pudesse  
Conter-me sem que fosse nos teus labios  
Transportado de amor levar um beijo  
N'aquell' hora de acerbo apartamento!...  
Mas me pude deter sem dar um passo,  
E imóvel fiquei, qual uma estatua,  
Com olhos fixos em ti!... Não reparaste  
D'esta alma o mysterio no semblante?!...  
N'essa hora fatal que tu partias  
Eram, quaes farpões, os meus desejos  
A retalharem-me o peito que, indeciso,  
Menosprezando a lei de amor tão santo,  
Não soube comprehend' fortes impulsos  
Que diziam: allí, de ARMIA ao collo  
Vai por breve momento reclinar-te  
E refrigerio buscar, que ella se asusta!...  
Nessa hora, p'ra mim de laes enleios  
Eram, como punhaes os meus anhelos  
Vibrados pela mão do acerbo pejo  
Que roubou-me o prazer e lenitivo  
De gozar o que amor tem por victoria  
D'im teus labios deixar impresso um beijo!...  
Apenas commovido, ao separar-nos,  
E ferido pelos echos da tristeza  
Tua dextra apertei, e electrisado,  
Entre a força da razão, que occult'a pena,  
Entre chammas de amor e vão receio,  
Eu pude articular, cem minhas dores,  
Um adeos tão somente! E tu partiste,  
Ficando-me a saudade e o soffrimento!

Por Fernando Amaro de Miranda.

Morrêtes, 31 do Julho de 1853.

(\*) Primeiros-versos publicados no Paraná.

## Gloriaba

Foram-se os dias succedendo ao dia  
Em que te foste desta vida incerta:  
E cada vez minha alma mais deserta,  
E mais longe de mim a aurea Alegria!

Entre nuvens te vejo... Ave, Maria!  
Sonho? Azas aos hombros... Bella e esperta!  
Mas quando desse sonho a alma desperta,  
Ai! que saudade! que melancolia!

Porque dias sem conto se volvendo  
(E fingindo entre os homens venturoso)  
Mais cresce a dor deste supplicio horrendo?

Filha! filha querida, por quem gemo!  
Voaste, como um anjo luminoso,  
E ao rastro do teu vôo a vida algemo!

Leoncio Garcia

3 DE MAIO DE 1900

## Olhar de Santa

Esta, igual a um ferrete causticante,  
Rubra paixão em que me estorço e gemo,  
Só findará no tenebroso instante  
Em que me ouvires o suspiro extremo,

Bem sei que desço ao nivel humilhante  
Onde palmilha o bebado blasphemo:  
Pois, mais que o delle, accusa o meu semblante  
De outras orgias o langor supremo.

Mas não é natural que uma phalena  
Ao ver na luz pomposa, extranha scena,  
A propria morte nella vá buscar?

Eis o segredo; uma creança o explica:  
Mais que a minha razão, que um louco indica,  
Santa das santas! brilha o teu olhar!

Sicario de Lemos.



mereceu da critica as mais lisongeiras homenagens; *Vozes Intimas*, seu livro de estreia; *Noites e Alvoradas*; *O Socialismo*; *Combate do Cormorant*; *Historia do Paraná*, (1555-1853) publicada em 1899.

*O Paraná Antigo e Moderno*, (esboço de um livro, em 1900).

Redige com muita habilidade o excellentes annuario — *Almanach do Paraná* — que já vai no seu 3º anno.

**Jayme-Ballão.** — Tem varias publicações d'entre as quaes se destaca — *Martyr*, (novella, em 1897). Em primeiro logar publicou um livrinho de versos — *Cecy* — (1896) — psalmo de seu coração de pae amantissimo em homenagem a memoria de sua "angelical Cecy".

Eis a pallida homenagem do "O Sapo", ao Paraná Litterario, tão brilhantemente representado nos bellos ornamentos que fulguram na sua pagina illustrada, por occasião de commemorar o 4º Centenario do descobrimento do Brazil.



## SONETO

A' minha Patria no 4.º centenario do seu descobrimento.

**D**óite profunda e calma. A Natureza  
Tinha o aspecto santo de um altar  
Em festas. Nenhum fundo de tristeza  
Vinha esse tom bizarro annuiar.

Extranha sombra marcha com firmeza  
Por uma estrada ignota. A luz do Luar  
Dá-lhe um vislumbre excelso de nobreza!  
As estrellas, então, põem-se a cantar;

O mysterio distende o manto azul  
Pelas regiões da America do Sul,  
E vinte sóes no Céu vêm-se a luzir.

A sombra, ó minha Patria sacrosanta,  
E' minha alma que em vãos se levanta  
P'ra solemne á teos pés genuflectir!

LEITE JUNIOR.



**E**a frota ao mando de Cabral,  
sulcando as aguas do Atlantico, ven-  
cendo as vagas revoltas do oceano,  
ancorava aquem d'um grande monte  
a que deram o nome de Pascoal.

Ao romper da aurora do dia se-  
guinte, quando o sol erguendo-se  
vagarosamente banhava de luz pal-  
lida e serena as pomposas e verde-  
jantes florestas, a flotilha em busca  
de Abrigo, abordava as praias mag-  
gestosas de Ponta-Seguro.

E os portuguezes fitando um  
bello céu de anil, faziam ligeira  
prece ao Omnipotente, pelo gran-  
dioso acontecimento.

Foi então na linda manhã de  
22 de Abril de 1500.

Redacção d' "O Beijo"

## PATRIA

**D**ormias, ó Patria, na tua eter-  
na indolencia indigena, sob o sol  
causticante do Occidente, n'uma  
encosta silenciosa e virgem, serena  
e augusta como um'a Deusa pagan...

Não te despertavam nem a ara-  
gem fresca e agreste que vinha te  
oscular placidamente á hora do sol  
posto, nem os raios ruborizados das  
manhans que enloureciam as cabe-  
ças dos teus impinados montes...

Dormias profundamente, ó Pa-  
tria, quando eras tu quem devia es-  
tar velando ás portas rútilas da Ci-  
vilisação!

E o teu leito verde, de palmas  
verdes, mais bello de flores e de  
gloriosa do que os jardins redolentes  
é formosos de Semyramis, dava-te  
a respeitabilidade de uma Babylo-  
nia maravilhosa olhando eterna-  
mente para a abobada estrellada!

Os teus braços seculares, esten-  
didos sobre as densas florestas vir-  
gens do teu leito virgem de palmas  
verdes, unindo o sul ao norte, es-  
sas collossaes vejas por onde corre o  
teu sangue azul doce—esse Amazo-  
nas soberano e esse Uruguay luzen-  
te—tinham, ó Patria, o encanto  
suave do Euphrates, em cujas ribas  
outr'ora se ostentava orgulhosamente  
a soberba Ninive.

O Atlante, o Titan immortal que  
guarda no dorso insondavel a flor  
empallecida do mysterio, correndo  
e espumando como gamo tímido,  
ia, lá para as bandas peffumadas  
do sul, beijar-te a dextra morna;  
e, voltando depois para o norte ar-  
dente, a tremer, a tremer, como um  
vilão, ia joelhar-se lá nos areiaes do  
Solimões austero, cantando psalmos  
de amor ante a magestade da tua  
belleza infinita!

E no teu seio, ó Patria, uma nação  
selvagem fruiu o calor da vida cal-  
ma, ouvindo, na sua inconsciencia  
de povo ignaro, a pulsação solemne  
d'um coração de ouro.....

Havia uma serenidade religiosa  
nos vales enllorescidos de Paiz so-  
berano que rebrilhava aos olhos da  
Omnipotencia.

Os Tupis heróicos, os Guaranyes  
guerreiros, os Caiapós valentes, gar-  
galhavam felizes, sob o céu constel-  
lado da Patria inculta...

Nas suas tabas estendiam, talvez,  
a alegria triumphal dessa solemni-  
dade estranha, onde, ligados pela  
*mussurana*, as suas victimas dei-

xavam rolar suas cabeças decepadas  
pelo tagapé do inimigo irreconcilia-  
vel e perverso.

Danças tresloucadamente, tal-  
vez, ao som do *uapy*, do *memby*,  
do *toré* e do *uatapy*, tendo, atados  
aos artelhos, guizos de cascaveis, e  
monotonamente, n'uma musica tris-  
te e compassada....

Os *morubiyabas* consultavam  
suas cabildas depois dessa solemni-  
dade selvagem, e os *pajés* previam  
phenomenos extraordinarios. Mas,  
essas superstições vagas, apesar de  
influenciarem sobre a sua ingenui-  
dade timorata, tornavam aquelles  
vales enllorescidos, serenos como a  
sua alma de inconscientes.....

Ahi vêm, fendendo o Atlante, ve-  
las pandas, alvas, mais alvas do que  
um nevoeiro de prata, ahi vem essa  
corveta austera trazendo em seu  
bójo a luz suggestiva da Civilisação!

Curva-te, ó Patria, e beija respec-  
tosamente a Cruz de ouro do peito  
de Cabral!

Curva-te em reverencia e deixa  
que a Civilisação te suspenda, te er-  
ga nesse Throno augusto que a  
Providencia legou-te!

Salve! Aurora de ha 4 seculos!

Salve! Alvorada de 3 de Maio!

Redacção do "Oito de Dezembro".



## Marcha Funebre

**C**aixaste sobre mim teu olhar funerario  
N'uma resignação piedosa de hora extrema,  
E as palpebras cahindo emavras os sudario  
Velaram-me de todo a luz clara e suprema.

E tacteante no mundo hostil, no mundo vario,  
Sem outro guia, sem outra alma que o meo poema  
illumine e engrinalde e o faça extraordinario,  
—Um poema em que minha alma artista ria ou gema—

Vou para além ouvindo uma muzica nova  
Feita de pás de terra a te cahir no peito  
Como que para por o meo amor á prova.

Essa muzica ouvindo, estranha em seu effeito,  
Sinto a luz a morrer e cantarem-lhe á cova  
Um funereo e feral requiem de lúares feito.

Emilio de Moraes.

AUTORES PARANAENSES

# PARANA LITTERARIO

AS LETRAS FAZEM A GLORIA DE UM PAIS E SE HONRAM QUANTO A CULTIVA, NAO MENOS RESPEITAM SOBRE A PATRIA QUE E O SEU BERÇO.

## HOMENAGEM

DO

## "O SAPO"

AO

40 ANIVERSARIO

DO

DESCOBRIMENTO

## BRAZIL



1897



DESS. SOCIAL 1889



GUINARD 1894



1894



1894



1887



1894



1900



MUSICAS



1874



1899



1867



1900



1897



1878



1897



SILVEIRA NETTO

JAYME BALLÃO

RICARDO DE LIMOS

JULIO PEREIRA

IMP. PARANAENSE

## Apparição

Relampagos immensos clareavam phantasticamente ofundo trevoso do horizonte ameaçador. No manto triste do céu em trevas nem uma estrella solitariamente resplandecia.

Do mar gressso uma aragem fria e cortante soprava congelando aquelle povo abandonado.

Miserriços viajores, não tinham mais no coração a rutilar a guiadora estrella d'alva da esperança.

E até o bramar do oceano enfiou-decido, tinha aos ouvidos dos peregrinos perdidos no pélagio infinito, as notas plangentes de uma orchebra augural e funeraria, soluçando requiem dolorosos.

Amanhecera enfim! O Oriente tingio-se de purpura e ouro e a madrugada em gala surgio alagando o céu deserto. Um *frisson* percorreo toda—companha.

— Terra! murmurou o gageiro com assombro.

— Terra! bradou n'um delirio toda maruja.

Mas, subito uma duvida oscillou n'aquellas almas:

Sonhariam? Seria um sonho de ouro descido das nuvens do arrebol?...

Não! Viam deslumbrados muito ao longe a folhagem verde pendendo docemente.

E a esperança floresceo n'aquellas almas, como a alvorada florescia no céu!

Uma alleluia de alegria rompeo d'aquelles corações.

\*\*\*

Ondas brancas e verdes, beijavam languidamente a praia que anemomas cor de rosas pallidas osculavam.

Lirios brancos pendiam entrelaçados com alvas rosas agrestes, debruçados para o mar, espiando pasmadamente, n'um assombro mudo, aquelle povo que surgia n'uma estranha apparição, do seio mysterioso do oceano.

Nas selvas, o *boré* repercutia vibrante e marcial. Nos serros virgíneos e engrinaldados, a jandaya cantava dolentemente no ramo balouçante da carnaúba.

O céu tinha reflexos incomparáveis, como nunca olhos christãos haviam fitado.

Era a terra brazileira que como uma deusa pagan, surgia bella e virginal, para receber o baptismo do Progresso.

Salve terra de Santa Cruz!

Salve! Que o teo seio carinhoso e digno, seja sempre como o foi para Cabral, o porto de bonança e salvação, para os viajores perdidos no mar tormentoso e encapellado da existencia.

Salve!

Pela Redacção do «Azul»

SANTA RITTA JUNIOR  
THIAGO PEIXOTO  
ADOLPHO WERNECK  
BENEDICTO N. DOS SANTOS.



## Quarto centenario do Brazil

SALVE!... SALVE!...

Essa data luminosa que encaideia tantos factos historicos que enaltecem e glorificão os brasileiros, não é senão a era do nascimento de um povo—ponto de partida para o desenvolvimento moral, intellectual e material e o momento de um outro. E estes dois povos, bem conheceis, é esse que se gloria de ter o nome de portuguez, é aquelle que se orgulha de chamar-se bra-

## Jornaes

### Revistas publicados no Paraná (1854-1900)

CURITYBA

1 O Dezenove de Dezembro	1, 4, 1854
2 O Jasmin	20, 9, 1857
3 Correio Official	19, 2, 1861
4 O Mascarado	30, 9, »
5 O Clarim	»
6 Escola Gato	7, 6, 1866
7 O Paraná	1869
8 Iris Paranaense	19, 10, 1873
9 O Constitucional	1874
10 25 de Março	25, 3, 1876
11 Provincia do Paraná	»
12 Revista da Associação Paranaense	»
13 A Gazeta Paranaense	»
14 O Paranaense	9, 13, 1877
15 O Diabo Azul	2, 6, 1878
16 O Gaúcho	18, 10, »
17 A Infancia	»
18 O Reverbero	1, 11, 1879
19 Estado do Paraná	»
20 Revista Paranaense	15, 1, 1881
21 Der Pionier	12, 6, »
22 O Liberal	1, 9, »
23 A Reforma	10, 9, »
24 A Verdade	»
25 A Evolução	»
26 O Porvir	14, 6, 1882
27 Deutsches Wochenblatt	23, 12, »

28 O Passarô Azul	»
29 O Artista	3, 1883
30 O Imparcial	»
31 O Diluente	10, 6, »
32 A Mocidade	13, 6, »
33 Jornal do Commercio	8, 7, »
34 O Patriota	»
35 O Realismo	5, 12, »
36 O Vagalume	»
37 Curityba	»
38 O Vigilante	»
39 Cruz Machado	1984
40 Gazeta de Curityba	5, 1885
41 Folha do Paraná	10, 6, »
42 O Movimento	»
43 A Republica	15, 3, 1886
44 Echo Paranaense	21, 10, »
45 Der Erzähler	»
46 A Farpa	21, 4, 1887
47 Deutsche Volkszeitung	14, 7, »
48 Vida Litteraria	20, 7, »
49 A Opinião	5, 8, »
50 Revista do Paraná	23, 10, »
51 Diario Popular	3, 11, »
52 Deutsche Blätter	»
53 A Lucta	»
54 A Arte	4, 3, 1888
55 Sete de Março	24, 4, »
56 O Trovão	10, 5, »
57 Brazil Livre	8, 7, »
58 A Ideia	1, 10, »
59 A Galleria Illustrada	20, 11, »
60 O Paraná	»
61 O Diabinho	»
62 O Santelmo	»
63 Der Beobachter	1, 1, 1889

64 Dynamite	3, 3, 1889
65 O Guaycurú (alemão illustrado)	3, »
66 Sete de Maio	7, 5, »
67 A Tribuna	13, 7, »
68 O Progresso	14, 8, »
69 Quinze de Novembro	24, 11, »
70 O Cruzeiro	29, 12, »
71 A Mocidade	»
72 A Luz (orgão spirita)	15, 1, 1890
73 Club Curitybano	16, 1, »
74 A Vida Escolar	10, 3, »
75 Diario do Paraná	21, 4, »
76 Revista Espirita	25, 10, »
77 Unterhaltungsblatt	»
78 Diario do Commercio	1, 1, 1891
79 O Guaraný (illustrado)	21, 1, »
80 Operario Livre	13, 2, »
81 O Povo	10, 3, »
82 Correio Official	7, 6, »
83 Carneval Zeitung	»
84 Deutsche Post	16, 1, 1892
85 A Federação	6, 2, »
86 O Democrata	19, 4, »
87 O Domingo	23, 5, »
88 L'Italia	25, 6, »
89 A Voz do Povo	28, 8, »
90 O Futuro	4, 9, »
91 XX de Setembro	20, 9, »
92 O Artista	3, 10, »
93 Gazeta Polska w Brazylie	15, 10, »
94 Correio de Debates	23, 10, »
95 A Semana	1, 1, 1893
96 Folha Nova	15, 1, »
97 Die Mosquite	12, 2, »
98 Carneval Anzeiger Thalia	12, 2, »

sileiro. Entre elles há uma afinidade reciproca de sentimentos que os liga para sempre.

Logo, qual é o brasileiro, o portuguez que, conhecendo a sua historia patria, no dia de hoje, não se sintia grande, mas immensamente grande, elevar-se na culminancia da gloria! Ah! nenhum, por certo! Todos, nesse dia, experimentão um mutuo sentimento extraordinario palpar-lhe fortemente n'alma, sublimando-os.

Cada mez, cada anno que passão são outros tantos marcos assignalando novos feitos; sempre que passamos por um d'elles, remontamos ao passado como que voltando momentaneamente para contemplar o caminho percorrido; e o nosso espirito insaciavel celere vão atravez o tempo até a sua genesi, para vir então compulsando esses innumerados factos naturalmente ordenados na sua evoluçào.

Assim pois, deixamos de analysal-a isto é—de evidenciar o desenvolvimto complexo da Patria, para tão somente fazer uma breve e simples synthese:

No Seculo decimo quinto, quando Portugal necessitava de alargar os seus dominios, surgiu, um homem de concepções luminosas, que veio realisar este intuito que tanto a sua Patria desejava; e que, mais tarde, vil-o-ia sublimar-a perante

as nações civilisadas. E este homem intelligente como instruido o infante D. Henrique, filho de D. João, o grande: Elle,—incansavel que era, para o bem de sua Patria, fundou uma escola naval em Sagres, junto ao cabo de S. Vicente; e essa ideia sublime deu a Portugal o Imperio dos mares. Mais tarde El-Rei D. Manoel tratou de assegurar o commercio das Indias; e, d'essa missào, incumbio Pedro Alvares Cabral, então Governador da Provincia da Beira e Senhor de Belmonte. Mas, segundo instrucção recebida— de afastar a sua esquadra da costa d'Africa para evitar as calmarias, foi impellida pelas correntes oceanicas para o occidente, de modo que, no dia 3 de Maio, segundo a reforma gregoriana, um grito unisono irrompe de seus peitos, annunciando— terra.— Era a Patria que surgia d'aquellas plagas occidentaes, — simples, rustica, envoltano seu manto de esmeralda; e, com sorriso de doçura e bondade, recebendo-os em seu lar como irmãos.

Eis como, em 1500, os argonautas lusitanos descobriram-na. E d'esse povo valoroso, intelligente e forte, nasceu um outro povo, uma outra raça que, educada na escola da mais pura civilisação, aprendeu a ser livre, altiva e grande: tornou-se independente e libertou-se do jugo da escravidão material e

moral. Disse o grande Victor Hugo: «Há de chegar o dia em que o Brazil nem será Imperio, nem Republica e sim Humanidade». Depois d'este luminoso pensamento que temos mais a dizer sobre o Brazil moral?

Nada, por certo!  
Resta-nos apenas fallar sob o ponto de vista material.

Bem sabemos que este desenvolvimto é feito na razão inversa d'aquelle; todavia, temos energia bastante de patriotismo para repellir esses retrogrados que têm ainda o instincto deshumano dos povos primitivos—de ferir, matar, escravisar, sacrificar as familias, valendo-se cobardemente de sua força physica. Mas, assim, como disse Monroe: —«A America é dos americanos,» digamos, nós, tambem, particularisando—o Brazil é dos brasileiros.

O nosso porvir é, cheio de gloria, luminoso, grande e nobre; não o prophetisamos, sentimol-o, vemol-o.

Como esses velhos povos puritanos que já tocaram no ultimo ponto d'essa trajetoria luminosa—a civilisação; isto é, já tiveram o seu momento, assim seguís, querida Patria, impavida e firme, descrevendo-a para tel-o tambem, esse doce momento que é a gloria d'um povo, porque obdeceis a lei eterna da evoluçào que regu o universo.

REDACÇÃO DO «BEIJA-FLORES».

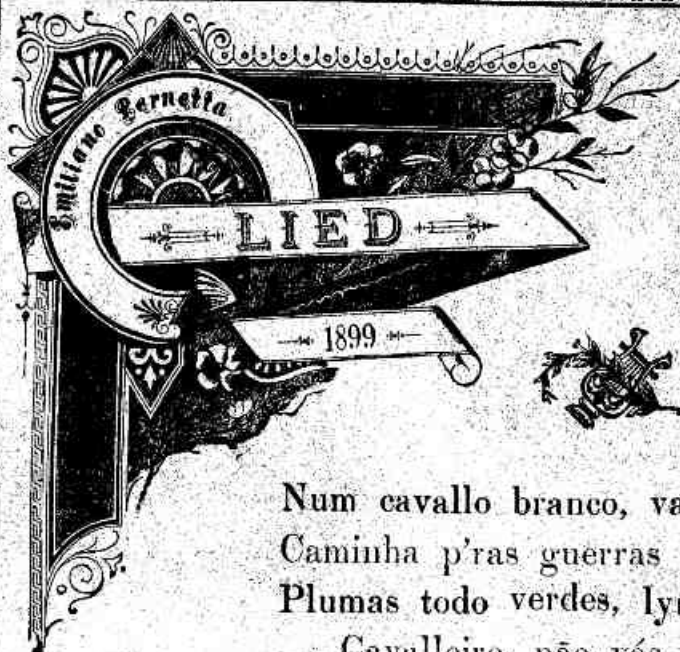
99 Illustrtes Unterhaltungsblatt		1893
100 Paraná Livre	14, 5,	»
101 Il Corriere d'Italia	8, 7,	»
102 Revista Azul	8,	»
103 Il Lavoratore	1, 10,	1894
104 Recreio Familiar	24, 1,	»
105 Correio do Paraná	1, 8,	»
106 A Fé Espirita	15, 9,	»
107 O Estado do Paraná	29, 9,	»
108 Cidade de Curiyba	1, 2,	1895
109 A Patria	2, 3,	»
110 O Cenaculo (revista)	4,	»
111 Treze de Maio	13, 5,	»
112 Correio Municipal	29, 6,	»
113 Polonia	13, 7,	»
114 O Merito	4, 9,	»
115 A Tribuna	7, 9,	»
116 Deutsche Zeitung	1, 10,	»
117 Sete de Maio	7, 5,	»
118 Quinze de Novembro	15, 11,	»
119 O Meio	24, 11,	»
120 Die Hummel		»
121 Paraná Illustrado		»
122 A Reclame		»
123 Der Franen Liebling		1896
124 O Dia	9, 4,	»
125 Primeiro de Maio	1, 5,	»
126 Gazeta Postal	16, 8,	»
127 A Evoluçào	1, 7,	»
128 Diario do Paraná	1, 11,	1896
129 Gazeta do Povo	1, 11,	»
130 A Lucta	1, 1,	1897
131 A Tarde	15, 2,	»
132 A Penna (revista)	4, 4,	»
133 A Capital	13, 5,	»

134 A Ordem	7, 7,	1897
135 Brasilianische Bienenpflege	1, 9,	»
136 O Nihilista		»
137 O Paritano		»
138 O Electrico		»
139 O Policano (rev. maç.)	1, 10,	»
140 O Crisol	24, 10,	»
141 O Bilontra	31, 10,	»
142 A Galaxia (revista)	24, 11,	»
143 Kurjer Paranski	27, 11,	»
144 O Municipio	4, 12,	»
145 A Guita	1, 1,	1898
146 Zás Tras	2,	»
147 Dyablik Paranski		»
148 O Sapo (revista)	6, 3,	»
149 A Estrella	3, 4,	»
150 O Páo	20, 4,	»
151 O Pharol	25, 4,	»
152 Jornal do Commercio	14, 5,	»
153 A Colmeia (revista)	7,	»
154 Poraneek	30, 7,	»
155 Jerusalem (rev. maç.)	1, 9,	»
156 Pallion (revista)	15, 9,	»
157 Borsenhalle	23, 12,	»
158 A Bomoa		»
159 O Ideal		»
160 A Impressora	1, 1,	1899
161 Diario da Tarde	18, 3,	»
162 Oito de Dezembro	8, 4,	»
163 O Sarchho	1, 5,	»
164 Il Diritto (anarchista)	7, 3,	»
165 Esphinge (revista)	20, 7,	»
166 O Beijo	24, 12,	»
167 O Operario	1, 1,	1900
168 O Relampago	25, 2,	»
169 O Zé Bumba	25, 2,	»

170 A Doutrina (aspirita)	1, 3,	1900
171 Azul (revista)	4, 3,	»
172 O Commercio	12, 3,	»
173 O Beija-Flor	1, 4,	»
174 Prawda (polaco)	1, 4,	»
175 Boletim Ecclesiastico	3,	»
176 O Gyra		»
177 O Mundo		»
178 O Trabalho		»
179 Revista Litteraria		»

PARANAGUA'

1 O Paraná		1860
2 Commercio do Paraná	1, 1,	1862
3 O Povo	18, 8,	1864
4 Imprensa Livre	6,	1867
5 A Phenix		»
6 O Conservador		1870
7 Opinião da Liberdade		»
8 Echo da Liberdade		1874
9 Gazeta do Paraná		1875
10 Echo do Paraná	27, 4,	1879
11 Echo da Marinha	15, 4,	1880
12 Correio do Paraná	8,	1881
13 O Futuro	3, 10,	»
14 Club do Commercio		»
15 O Pharol		1882
16 O Liberé		»
17 A Violeta	10, 2,	»
18 O Guttemberg		»
19 Livre Paraná	7, 7,	1883
20 O Pálio		»
21 O Progresso		»
22 O Commercial	23, 7,	1886
23 Sinhá		1887



Num cavallo branco, valles e barrancos,  
Caminha p'ras guerras em tempos de paz  
Plumas todo verdes, lyrios todo brancos . . .  
— Cavalleiro, não vás !



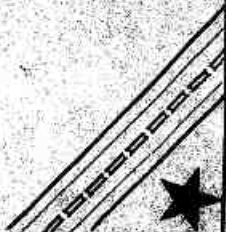
Cavalleiro andante ( fulgem armaduras ! )  
Galopa, galopa, sob estrellas más.  
Vai correr o Mundo polas aventuras . . .  
— Cavalleiro, não vás !



Cavalleiro fino como um argueiro  
Com espada d'ouro, ricos falbalás.  
Cabellos ao vento — Palmas ! — Cavalleiro ! . . .  
— Cavalleiro, não vás !



Cavalleiro triste ( ceifa a lua nova )  
— Que é da sua Dama ? Que é do seu gilvaz ? —  
Entra p'los salgueiros caminho da cova . . .  
— Não direi que não vás !



COMBATE

SINGULAR

Pah !... Pah !... Pah !...

Tinem espadas pelo ar...

Retine a raiva e o odio se avoluma  
e põe-se em guarda espiando no olhar  
dos dois rivaes. Nos labios brilha espuma !...

E cresce... cresce... Porem, subito, uma  
espada estala e cae inda a cantar !...  
Um corpo tomba e róla a branca pluma  
no parque perfumado do solar.

INVARIÁVEL



O SAPO

Lá fóra o vento tinha ondulações cyclopias de mar grosso... Na torre esguia da velha da Morte, lia. E o bizarro pergaminho, impresso de uns grandes typos biblicos, impregnado de um suave perfume de pequeninas cousas que eu revia saudoso, com os olhos em lagrimas e o coração oppresso, visão deslumbrada. O coração rugio na sua junta, — fôra indomada ! Luchas de oceanos contra oceanos, — scenas de fogo e de espadas, exterminando ? ... Eu lia o velho livro extranho — no horizonte jalde... A EXISTENCIA HUMANA — o tragico romance...

Romario Martins.



Um gemido de dôr chora no espaço  
e vac morrer — ó derradeiro abraço !  
no castello da loira castellã !...

Esgueira-se subtil a carruagem...  
Faz-se o silencio... Apenas na ramagem  
Salvam ninhos a rutila manhã.

Chiago Peixoto.



## RISO MORTO

Nesse teu sorrir singularmente  
physico, em que uma lancina-  
ção de profunda angustia melan-  
cholisca os brancos detalhes escul-  
pturaes da tua delicada carnção  
anemica, eu sinto a paralyzação  
dos grandes labios frios das estatu-  
as, como se viesses, ó Flôr do In-  
fortunio, no inverno brutalmente as-  
sassinio da Morte!

E's uma flor polar, ó desventura-  
da Magnolia das tristezas!...

Risos de pedra apenas transpare-  
cem na morbida conformação es-  
treita dos teus labios, como se fos-  
se tirada de raros blocos finos de  
granito por mysterioso camartello  
grego...

Vás ao sol, e sob os adustos rai-  
os do sol és sempre o mesmo gelo...  
Vives sob o nitido ceu jucundissimo  
dos tropicos, e mesmo assim és eter-  
namente fria, como as avalanches  
que se decompõe do alvinente leito  
triste do Oceano Artico...

Irás logo para o tumulto, e zom-  
barás então, debaixo do cavo rama-  
lhar psalmodioso das casuarinas  
verdes, com a larga ironia atroz dos  
marmores de Phidias, desse sol que  
nunca te aqueceu e desse ceu sob  
cuja cúpula viveste fatalmente hirta,  
no longo inverno nebuloso do In-  
fortunio!...

Oh! vac, desventurada Magnolia  
das tristezas, e leva contigo o teu

branco sorriso morto, porque elle  
póde ficar errante, como avastésma  
da Dôr, na grande noite tormento-  
sa de minha alma...

Victor de Castro.

## A Visita

Vemo-nos face a face. Incendidos, magrados,  
Como no céu ao sol são seus olhos funereos.  
Ella tem mãos de lobo. E os dous globos parados  
Ficam no meu olhar, melancolicos, sérios.

Cabeça ao alto, entanto, aras transfigurados,  
Em silencio feral, deusa dos cemiterios,  
Olho-te. Mas vêde: andazes, rebellados,  
Andam no meu semblante uns sorrisos aéreos...

Emfim...emfim se esvai! Finalmente desfeito  
Vejo o negro phantasma. O coração eu sinto,  
Ora, qual pedra bruta, estacado no peito

Tenho, e ora percebo, eriçado o cabelo,  
Covas fundas nas faces, o sopro quasi extincto  
E o corpo na algidez de uma estatua de gelo.

Victor Victor

## Fragmentos

\* \*

A creença é o symptoma cara-  
cteristico da grande vida moral, de  
tudo quanto a alma humana começa  
a conquistar no Tempo de excellen-  
te inamissível no seo indefinido  
evoluir. O anthropoide não creio:  
Victor Hugo adorou. So no momen-  
to em que da contingencia temporal  
aspira o eterno, em que na treva um  
largo esbatimento de luz a impres-  
siona, é que a alma começa a crer.

Estude-se a sociedade moderna,  
as incontinencias, os transviamen-  
tos moraes, tudo isso que caracteri-  
sa a vasta e profunda crise deste  
fim de seculo, e se constatará que  
a incredulidade, apagando da alma  
humana a noção suprema do desti-  
no final da creatura, quasi chegou  
a eliminar a consciencia, o grande  
princípio conservador do equilibrio  
e harmonia na vida das nações; e  
que, portanto, é a incredulidade o  
mal mais funesto a destruir no  
presente.

E, estudando os grandes homens,  
aquelles todos que no mundo edi-  
ficaram alguma cousa perduravel e  
grande, comprehenderemos então  
como toda a força d'elles lhes pro-  
vinha da sua fé.

Mas lem me entendeis que vos  
fallo da grande Fé, da Fé que não  
tem seita, que não tem inimigos a  
combater, e que, livre e excelsa, fi-  
ca sempre pairando acima das con-  
tingencias e das vicissitudes dos  
homens.

Fallo-yos da Creença que não vive  
de ostentações e convencionalida-  
des banaes; que não mora nos tem-  
plos, mas de preferencia, como dis-  
se o poeta extraordinario do *Para-  
iso*, nos corações dos bons, dos hu-  
mildes e resignados.

Rocho Pombo.

24 Aurôra . . . . .	18, 4, 1888
25 Treze de Maio . . . . .	15, 6, >
26 A Luz . . . . .	12, >
27 A Verve . . . . .	>
28 O Trabalho . . . . .	>
29 O Bilontra . . . . .	1, 2, 1889
30 A Ordem . . . . .	13, 6, >
31 Patria Livre . . . . .	18, 12, >
32 A Razão . . . . .	>
33 O Vigilante . . . . .	>
34 A Trombeta . . . . .	>
35 A Escova . . . . .	>
36 O Seculo . . . . .	27, 3, 1890
37 Gazeta do Commercio . . . . .	4, 1, 1891
38 Leitura Popular . . . . .	20, 9, >
39 Voz da Escola . . . . .	22, 9, >
40 O Abano . . . . .	17, 1, 1892
41 O Pharol . . . . .	3, 7, >
42 O Tempo . . . . .	10, 7, >
43 A Sentinella . . . . .	1, 11, >
44 O Commercio . . . . .	1, 1, 1893
45 A Crisalida . . . . .	15, 3, >
46 A Primavera . . . . .	>
47 A Fé Espirita . . . . .	15, 9, 1894
48 A Nação . . . . .	15, 9, 1897
49 A Ferula . . . . .	18, 9, >
50 Paranaguá . . . . .	14, 7, >
51 O Consilucional . . . . .	>
52 O Bouquet . . . . .	>
53 O Athleta . . . . .	23, 3, 1900
54 O Barbeiro . . . . .	>

## ANTONINA

1 O Antonina . . . . .	1873
2 A Locomotiva . . . . .	1874
3 Gazeta Antoninense . . . . .	1884

4 O Labor . . . . .	1, 5, 1887
5 O Cysne . . . . .	12, 11, 1898
6 O Itapema . . . . .	1, 1, 1899
7 O Capelista . . . . .	25, 2, 1900

## MORRETES

1 O Povo . . . . .	1879
2 O Nhumdiaguara . . . . .	28, 4, 1889
3 O Trabalho . . . . .	>
4 Escolar . . . . .	>

## GUARAKSSABA

1 O Paraná . . . . .	20, 2, 1900
PONTA GROSSA	
1 Campos Geraes . . . . .	13, 5, 1893
2 O Piroiita . . . . .	2, >
3 Gazeta dos Campos . . . . .	25, 12, 1897
4 Club Pontagrossense . . . . .	28, 10, 1898
5 Futuro do Paraná . . . . .	9, 4, 1899

## CASTRO

1 Echo dos Campos . . . . .	17, 3, 1883
2 Correio dos Campos . . . . .	3, 4, 1887
3 O Yapó . . . . .	30, 10, >
4 A Campanha . . . . .	28, 7, 1895
5 O Pharol . . . . .	25, 9, >
6 A Aurora do Evangelho . . . . .	25, 12, 1898
7 A Evolução . . . . .	21, 4, 1899
8 A Caridade (espirita) . . . . .	15, 8, >
9 O Brinquedo . . . . .	10, >
10 O Painei . . . . .	12, >

## LAPA

1 Despertador Lageana . . . . .	1, 6, 1880
2 A Lapa . . . . .	17, 9, 1887
3 Echo da Lapa . . . . .	3, 2, 1895

4 O Preconicio . . . . .	19, 3, 1895
5 Cidade da Lapa . . . . .	7, 9, >
6 A Folha Nova . . . . .	15, 11, 1898
7 A Thesoura . . . . .	>

## PALMEIRA

1 A Comarca . . . . .	22, 2, 1896
2 Parochia da Palmeira . . . . .	11, 5, 1899

## GUARAPUAVA

1 O Guayra . . . . .	4, 4, 1893
2 Club Treze de Maio . . . . .	13, 5, >
3 Jornal das Creanças . . . . .	28, 11, >
4 Paraná . . . . .	10, 6, 1894
5 A Alvorada . . . . .	14, 7, 1896

## CAMPO LARGO

1 O Escolar . . . . .	11, 1885
2 O Guayra . . . . .	23, 1, 1887

## S. JOSE' DOS PINHAES

1 O Moquetrefe . . . . .	1880
--------------------------	------

## RIO NEGRO

1 O Rio Negrense . . . . .	6, 11, 1898
----------------------------	-------------

## PALMAS

1 O Palmense . . . . .	>
------------------------	---

## XAPECO'

1 O Xanxerê . . . . .	7, 2, 1892
-----------------------	------------